Catarina Guedes

SOBRE POEIRA E SOL E UMA CERTA CALÇA FLORAL

SEGUNDO VOLUME DA SÉRIE *ISADORA E A BR*

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018

miolo-sobrepoeiraesol.indd 3 8/26/2018 11:22:10 PM

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

Edição: França & Gorj

Revisão: Clarissa Macedo

Preparação: Dáblio Jotta

Foto da autora: Ricardo Prado

Capa e editoração eletrônica: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G924s GUEDES, Catarina. 1974–

Sobre poeira e sol e uma certa calça floral – Catarina Guedes – Penalux: Guaratinguetá, 2018.

188 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-398-6

1. Romance 2. Volume II, trilogia. I. Título

CDD B869.93

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Capítulo 1

Já não sabia dizer ao certo há quanto tempo estava na estrada quando, finalmente, cheguei a Barreiras. Se eu fosse alguém notável pelo senso prático, jamais passaria meses numa rodovia para fazer uma viagem que, de avião, não levaria mais que duas horas. Mas o desafio nunca foi chegar e, sim, ir. Se para o oeste, sul, norte ou leste, era mais uma questão de humor que de necessidade. Partir foi necessário. Chegar era algo em que eu ainda não havia pensado.

Um dia saí de casa com a roupa do corpo para entregar um *press-kit* num jornal e decidi mandar tudo às favas. Cheguei, por assim dizer, à casa do sol poente, o Oeste, chacoalhando no asfalto pastoso, ondulado pelo peso dos caminhões. Bom, para quem não sabe como havia sobrevivido até então, vou revelar uma estratégia. A única, talvez. A mais segura para mim e irritante para os outros, mas que, por muito tempo, funcionou.

Uma vez superada a minha inabilidade de passar por quebra-molas com alguma classe, eu ainda precisava aprender a ultrapassar na estrada, fosse um carro, um caminhão, uma moto de cento e vinte e cinco cilindradas ou um jumento. Via

a morte iminente em cada uma dessas situações. Então, decidi que não ultrapassaria nada nem ninguém. Pisava fundo — assim eu cria — arrastando-me a noventa quilômetros por hora sempre que a estrada ficava livre. Era o suficiente para não bater no veículo que estava à frente, até que o condutor decidisse tomar uma distância segura. Isso me trouxe alguns problemas sem maiores repercussões, afinal, nenhum caminhoneiro que se preze acreditaria de fato no potencial perigo de ser assaltado por quem quer que dirigisse o fusca amarelo que fungava no para-choque traseiro de uma Scania bi-trem de oitenta toneladas. Àquela altura, eu já sabia 1 — o que é Scania. 2 — o que é bi-trem. 3 — o que é tonelada.

O trânsito estava quase parado, e eu era só um pontinho amarelo encravado em um comboio de caminhões cobertos de fuligem. Sorte que nunca pensei em buscar ar puro, silêncio e tráfego livre quando saí da cidade grande, porque a chegada a Barreiras era o oposto de tudo isso. Uma placa me avisava que em seis quilômetros haveria hotéis com colchões Ortobom. Consolava saber que haveria hotéis com camas e colchões. E que os colchões não eram de mola ou, ainda que fossem, que haviam sido comprados em Real, e não em Cruzeiro. E, se não fosse pedir demais, seria ótimo encontrar lençóis limpos e toalhas de banho íntegras.

Achei uma pousada bem simpática à beira da BR. Aliás, os principais hotéis da cidade — dois ao todo — ficavam à beira da BR, e isso parecia não desabonar a imagem deles. Quem estava lá tinha pressa de sair da cidade. Não do município, mas do centro urbano. Barreiras era uma atração pelo que não estava à vista de imediato: as fazendas. Aproveitei a chegada ao

meu novo quarto para dar conta da roupa suja, do corpo sujo e do déficit de sono, não nessa ordem.

O quarto era mais do que eu esperava em termos de espaço e comodidades, e tinha um banheiro um tanto pretensioso, com mármores bege e porcelanatos cintilantes. Mas qualquer impressão inicial de luxo e ostentação foi embora de vez quando fui tomar banho e percebi uma presença indesejada: uma rã, encolhida entre o vaso sanitário e o box. Já havia passado por banheiros bem ruins e enfrentado um sem fim de sapos e rãs, para me deixar intimidar pela amiguinha quase translúcida no canto da parede. Assim, resolvi agir normalmente e dar início a um ritual de higiene mais cuidadoso que, de tempos em tempos, eu podia experimentar em minha temporada *On the Road*. Fiz isso ao estilo clássico, cantando, como todo mundo que canta no banheiro faz: de corpo ensaboado e alma lavada.

Havia substituído há muito meu repertório *pop* por *rock-pop-folk-metal*, como seria condizente à moradora de trailer em que estava me tornando. Mas, nem de longe, tinha aderido ao som que ouvia nos postos de gasolina, onde estavam à venda os CDs dos ídolos de camisa de manga curta apertada e topete armado com sabonete. Por isso, derramei meu coração em *Ruby Tuesday*, dos Stones, cantando a plenos pulmões, sentindo o conforto da água morna em minha pele.

Good bye, Ruby Tuesday
Who could hang a name on you?
When you change in every new day
Still I'm gonna miss you

Nem reparei que batiam à porta do quarto.

— Tudo bem aí, moça?

Saí encharcada, inundando o banheiro e inutilizando a única toalha que o hotel me oferecera. Fiz um esforço enorme para que o rapaz pudesse ver no máximo meus olhos e nariz pela fresta que abri para checar do que se tratava.

— O vizinho do duzentos e três disse que tinha uma mulher gritando nesse apartamento. Vim ver se a senhora estava bem.

— Tudo bem! Pode ir sem susto — eu disse, com vergonha de mim mesma. Depois corri para o box, já tiritando de frio por causa do ar condicionado.

Voltei ao meu chuveiro acolhedor, triste porque, pelo visto, dentre todos os talentos que eu não tenho, cantar é o primeiro da lista. Foi aí que notei os movimentos de acrobata, as pernas torneadas, as mãozinhas delicadas. Sim, mãozinhas, com dedos e unhas e tudo, escalando o vidro do box, que por descuido deixara aberto quando fui atender a porta. Já havia alcançado o interior da caixa de vidro. Parou na altura dos meus olhos, mas eu não estava suficientemente enxaguada para simplesmente sair dali e chamar de volta o garoto da recepção.

— Vamos lá, Isadora. Ninguém vai te salvar. Pense bem, é só uma rã. Podia ser uma cobra, uma onça, mas é uma rã, e você não tem medo de rãs — eu disse para mim mesma em voz alta, mas não tanto que incomodasse o vizinho de ouvido apurado. Ela simplesmente parou, olhando impassível para mim com aqueles olhinhos dourados, riscados de preto. Mirava profundamente, como se quisesse mostrar quem mandava naquele

território onde eu acabava de chegar, enquanto ela e as irmãs eram toleradas pela gerência há muito tempo.

Quando eu morava na cidade, as intrusas eram as baratas. Sempre me gabei por não precisar de Theo para me livrar delas. E ninguém pense que ele tinha medo de barata. Seria óbvio demais. Mas, nunca havia visto uma rã em posição de igualdade. Então, selei um pacto com ela: eu não te desintegro com o meu xampu de menta com chá verde, e você não se mexe. Ela pareceu consentir, com aquele silêncio meio raro e o ar de sapiência dos batráquios, e eu voltei à minha tarefa, sem música, dessa vez.

Estava cheia de mim, no auge da bravura, sem perder de vista a colega de quarto. Mas eu desconheço quem consiga enxaguar o cabelo de olhos abertos, num mundo que não seja o dos comerciais da *Jonhson & Jonhson*. E, pouco antes de passar o condicionador, senti um pequeno sopro, seguido por um pesinho, pendulando em uma mecha da minha franja. Sem abrir os olhos, deduzi de onde vinha a ofensiva e saí gritando feito uma maluca porta afora, até parar num pátio gramado que, por sorte, estava vazio. Nem sei como tive o reflexo de pegar a toalha. Entre cair em mim e voar em direção à porta, deve ter passado um segundo, mas era tarde. A porta bateu, a chave-cartão ficou para dentro, e eu, de toalha branca curta demais, molhada demais e fina demais, fiquei do lado de fora.

Não quero nem pensar no que os vários coreanos que estavam no *lobby* podem ter dito, entre risadinhas dissimuladas e palavras incompreensíveis, quando cheguei à recepção e tive de esperar até que todos eles terminassem o *check-in*. Até

conseguir outra chave magnética, demorou um século. Sei que a dona da pousada me pareceu contente quando, no dia seguinte, fechei a conta e passei a primeira. Não sem antes tomar o café da manhã.

Capítulo 2

No salão do café, percebi o que meu amigo Piotr queria dizer sobre aquela ser uma região diferente do que eu havia visto até então. Os coreanos que me contemplaram seminua no dia anterior estavam lá, empertigados em ternos escuros. Em outra mesa, mais estrangeiros. Um grupo de holandeses criadores de vacas leiteiras. No bufê, disputei o pegador de queijo com gente de várias partes do planeta. Todo mundo muito loiro, muito japonês, um tanto quanto nordestino e todos com uma meta em comum: fazer o Oeste, a fronteira aberta poucas décadas antes e ainda cheia de oportunidades para quem fosse capaz de desapegar-se de umas tantas comodidades. Confesso que me arrependi de ter ido tomar café sem pentear o cabelo ou usar qualquer maquiagem, e fiquei meio encabulada.

Tratei de fugir o quanto antes daquela reunião da ONU para conhecer melhor a cidade. Não era tão cedo, mas o sol havia saído há pouco. Onde eu estava, o grande espetáculo do sol é quando ele se despede por trás dos chapadões e não quando nasce.

Havia decidido ficar um dia em Barreiras e precisava arranjar outra hospedagem porque, aos trinta e oito, e com um

catarinaguedes@agripress.com.br
catarina.guedes.92